

## Homenagem a alguns pioneiros da psiquiatria gaúcha



### Ellis D'Arrigo Busnello\*

A foto de 1940 retrata um grupo de autoridades, professores médicos (entre os quais o Diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro) e alunas do Curso de Biopsicologia Infantil desenvolvido naquele hospital.

Na primeira fila, da esquerda para a direita: Dr. Álvaro Difini, Dr. José Garrastazú Teixeira (1) (representando o Governador), Dr. Jacintho Godoy (2) (Diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro e Presidente da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul), Dr. Bonifácio Paranhos da Costa (3) (Secretário da Saúde do então Departamento Estadual de Saúde – DES), Dr. Alvorino

Mércio Xavier (4) (Assessor do Secretário de Saúde).

Na segunda fila, da esquerda para a direita: Dr. Mário Martinez Martins (5), Dr. Vitor de Brito Velho (6), Dr. Ciro dos Santos Martins (7), Dr. Álvaro Murilo da Silveira (8), Dr. Raimundo Godinho (9), Dr. José Barros de Araújo (10) (Chefe da Secção de Fiscalização Profissional).

Na última fila: Dr. Poli Marcelino Espírito (11) (da Secretaria da Saúde).

Ao fundo, nas três últimas filas: Dr. Leônidas Escobar (12), Dr. Dyonélio Machado (13), Dr. Fernando Pombo Dornelles (14), Prof. Décio Soares de Souza (15).

Contribuíram para o reconhecimento os Drs. Cyro dos Santos Martins, Jacintho Godoy Filho, Jacintho Saint-Pastous Godoy e Ellis D'Arrigo Busnello.

---

\*Professor titular aposentado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.

Caros Carmem e Flávio, Editores da Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul,

Apresento a identificação que me foi possível fazer da foto que vocês tão oportunamente e com perspicácia escolheram para ser a capa da nossa já prestigiosa Revista. A experiência vivida por mim na pesquisa da foto e pelos personagens colhidos pela mesma me permite sugerir aos Editores que se torne uma rotina esse tipo de escolha, pela riqueza de ensinamentos que o exercício da reconstituição implica.

Eu já havia identificado parte das personagens e do fato retratados, porque esta foto já apareceu na contracapa do Jornal da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>.

Sou o titular da Cadeira 34 da nossa modesta mas vigorosa Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, cujo patrono é o Dr. Jacintho Godoy, a quem me coube biografar. Na ocasião, muito aprendi sobre ele e sobre o Hospital Psiquiátrico São Pedro<sup>2</sup>. Fui, com muito orgulho, Diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro durante o governo já então democraticamente eleito do Dr. Jair de Oliveira Soares. Com esta bagagem de experiências, pude ver o fato e a foto com olhos de uma pessoa que ama e tem por aquele hospital psiquiátrico o maior respeito, bem como pelos médicos que, através dos tempos, nele trabalharam. Aproveito a oportunidade que vocês me ofereceram para estender minha consideração a todos os médicos que trabalham com os doentes mentais (ou, modernamente dito, com os pacientes que apresentam transtornos mentais e comportamentais), e não o assim denominado “sofrimento psíquico” – que isto, qualquer pessoa animal ou cousa apresentam. Dedico, assim, o maior carinho e a maior admiração pelos que colocam humanidade em sua atividade médica, especialmente aqueles que praticam a nossa especialidade, pelo respeito e esforço que fazem para ajudar as pessoas que foram feridas naquilo que o homem possui de mais característico: sua mente. Nesses tempos em que nossa ciência médica e a especialidade que nela nos cabe trabalhar, a Psiquiatria, têm sido tão incompreendidas, a tarefa de que me incumbiram foi logo deixando de ser um peso neste final de ano tão cheio de trabalho para se tornar um motivo de alegria e amadurecimento – eu, que já não achava possível, na idade em que estou, poder ter ampliado meu entendimento do que ainda a Psiquiatria tem a enfrentar, fez, acertou e errou, e o que ainda

tem por fazer para levar o mais elevado grau de saúde mental aos indivíduos e às populações humanas.

A foto retrata um grupo do Curso de Biopsicologia Infantil praticamente dirigido às senhoras, identificadas por Cyro Martins como professoras da rede de ensino do Estado, que estão até graciosa e elegantemente vestidas como a época exigia, usando chapéus e trajes que, nota-se, eram os das butiques da época, a maioria certamente copiados por costureiras locais que os viam nas revistas e nos filmes que as atualizavam. Certamente, como se diria hoje, “produzindo-se” para a documentação de que haviam assistido a um Curso de Biopsicologia Infantil no Hospital Psiquiátrico São Pedro, pois naqueles belos e bons tempos, fatos importantes exigiam trajes e posturas elegantes. Imagino que se sentiam orgulhosas do fato. Observa-se, ao mesmo tempo, a presença do Representante do Governador do Estado, do Secretário da Saúde, que foi o homem chamado pelo Rio Grande do Sul para montar a estrutura de Serviços de Saúde do Estado, ou Departamento Estadual da Saúde (DES). A presença de autoridades mostra como era o clima de respeito pelo trabalho que se fazia no Hospital Psiquiátrico São Pedro. Ressalto o espírito que animava pessoas de prestígio e médicos psiquiatras que fazem parte da história da psiquiatria gaúcha, ao estimularem a realização de atividades de ensino para leigos naquele hospital. Hoje, bem melhor entendidas entre as ações de saúde, chamaríamos de medidas de prevenção primária em saúde mental – no caso, de promoção da saúde –, através da educação da população para a saúde.

Há detalhes na foto que precisam ser salientados: a nata da nata da psiquiatria gaúcha (do Rio Grande do Sul) ou trabalhava ou circulava pelo Hospital Psiquiátrico São Pedro. Farei alguns destaques dos fotografados e sobre eles tecerei alguns comentários, abrindo um caminho cultural e científico para o entendimento dos caminhos que por vezes são trilhados pela psiquiatria através dos tempos.

Mário Alvarez Martins e Cyro dos Santos Martins fizeram parte do primeiro grupo de psicanalistas que fundaram a nossa Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Eles buscaram a sua formação (hoje se diria seu treinamento pós-graduado *lato sensu*) em Buenos Aires. Cyro Martins foi o psicanalista que procurei para meu treinamento em psicanálise, em épocas que não se quebravam muito as formalidades, como a de manter certo

distanciamento entre analista e analisando, missão impossível entre duas pessoas, como ele e eu, que sentem extremo prazer na troca de palavras e de idéias. Com Mário, fiz uma longa supervisão do assim chamado “meu primeiro caso de psicanálise”, onde, durante e muito após os 2 anos requeridos de supervisão, muitos conhecimentos sobre pessoas, sobre a vida do hospital e das pessoas com quem convivíamos nos diversos grupos psiquiátricos e psicanalíticos e ligados à cultura de nossa Província, que não era nada provinciana na época, eram repassados a mim ou então me era ensinado adquiri-los. Com eles e com outros dos fotografados, diretamente ou através do que sobre eles e sobre as pessoas que viveram a psiquiatria daquela época, conversávamos, ou das quais buscávamos conhecer a história. Informar-me sobre os personagens muito me fez aprender sobre a vida, sobre a nossa profissão, sobre o homem e sobre a mente humana e suas grandezas e vicissitudes.

Com Dyonélio Machado, Décio de Souza, Raymundo Godinho, que estão na foto, e com os Drs. Paulo Luis Vianna Guedes, Luiz Pinto Ciulla, David Zimmermann e Jacintho Godoy Filho, entre outros que não estão na foto, mas que também circularam pelo São Pedro, tomei conhecimento das incríveis inovações e esforços que se faziam dentro daquele hospital para, de acordo com os pobres conhecimentos que se tinha à época sobre o diagnóstico, a etiologia, os tratamentos e a reabilitação dos doentes mentais, procurar aplicar os conhecimentos psiquiátricos mais atuais, o melhor que se podia fazer pelo conforto dos pacientes e bem-estar de seus familiares.

Vitor de Brito Velho, que está na foto, foi Professor de Psicologia, profissão à qual dedicava o brilho de sua inteligência privilegiada na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da nossa então Universidade do Rio Grande do Sul, atual UFRGS, onde assisti a aulas suas memoráveis.

De óculos escuros, ao lado de Cyro, está Álvaro Murilo da Silveira, que, sozinho, mereceria um artigo. Ele foi o psiquiatra que usou a convulsoterapia para o tratamento das doenças mentais, primeiramente com o metrazol (1937). Posteriormente, certamente devido a essa coragem inventiva de nossa gente, com a ajuda do Engenheiro Olmiro Ilgenfritz, a partir da leitura de artigos que traziam o esquema dos primeiros aparelhos de eletroconvulsoterapia utilizados na Itália por Cerletti e Bini para obter a eletroconvulsão (1938), montaram um aparelho aqui em Porto

Alegre. Ele e Cyro Martins, segundo Cyro mesmo me relatou, experimentaram desencadear as convulsões, primeiramente em cães, naturalmente, pois que eram instintivamente éticos. As experiências com humanos só viriam a ser regulamentadas 8 anos após, em Nüremberg, e depois universalizadas em Helsinque, e atualmente normatizam as experiências com seres humanos e animais. Logo partiram para usar a eletroconvulsoterapia em seres humanos, que se mostrou ser o melhor tratamento dos quadros de depressão maior grave, até hoje não superado. Por vezes como monoterapia e por vezes associada à insulino terapia de Sakel, eles puderam apreciar as miraculosas recuperações de depressões maiores e estados maníacos graves e de crises esquizofrênicas psicóticas agudas.

Décio Soares de Souza, um cérebro médico privilegiado, chegou a ser o Professor Titular de Psiquiatria de nossa Faculdade de Medicina, cadeira que eu viria posteriormente a ocupar, tendo ele se afastado por deslocar-se para Londres, onde buscou sua formação psicanalítica. Ele personificava a presença do ensino superior no Hospital Psiquiátrico São Pedro, pois à época a Irmandade Santa Casa de Misericórdia, então hospital de ensino da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul, não possuía Pavilhão de Psiquiatria; de seus porões haviam saído as quatro dezenas de pacientes que foram povoar, em 1884, o Hospital São Pedro, recém criado pelo Regime Imperial, criando-se na época uma ruptura necessária já hoje substituída pela criação das unidades psiquiátricas nos hospitais de grande porte, principalmente nos de ensino.

O Dr. Dyonélio Machado, cujo livro *Os ratos* considero uma das obras mais densas e profundas da literatura brasileira, permitia-se pensar em outra obra sobre a concepção biológica do crime.

Não faltava àquela casa inteligência e não faltava à psiquiatria gaúcha, como não falta hoje, a consciência do quanto conhecemos pouco sobre a natureza das doenças que afetam a mente humana, da pobreza do nosso arsenal preventivo e terapêutico, que contrasta enormemente com o esforço que se faz, como se fazia então, para assistir, ensinar e pesquisar em psiquiatria ou em saúde mental.

Enquanto pesquisava para unicamente citar os nomes que vão na legenda da foto, repentinamente me veio a idéia de que me cabia lembrar aos que nos lerem, que considero serem “os que vierem depois” na referência de

Berthold Brecht, que se alguns erros foram cometidos e ainda o são, é porque viviam nossos antecessores (e vivemos nós ainda, seus pósteros), tempos muito difíceis no desenvolver de atividades preventivas, curativas e reabilitadoras quando do trabalho da nossa especialidade. Logo me ocorreu que tanto eles como nós merecemos a indulgência que Berthold Brecht pede aos “que vierem depois”. Também não posso incorrer numa falsa modéstia de não considerar o muito que já se tem feito para aliviar o sofrimento daqueles que perderam ou que sofrem por transtornos mentais e do comportamento.

Tenho falado na necessidade de tornar a ciência cada vez mais precisa, no sentido de ser exata como a navegação, seguindo o velho conselho de Pompeu (apud Plutarco) dado aos marinheiros amedrontados que se recusavam a partir sob a ameaça de tempestade: navegar é preciso, faz-se necessário. A navegação, mesmo àquela época, era mais precisa do que o viver. A arte e a ciência de navegar era precisa, graças às estrelas que orientavam os navegadores; a vida não possuía nenhuma estrela que a orientasse. Sou uma das pessoas que tem passado, pelo menos nos últimos 20 anos, estimulando a associação da assistência dos pacientes ao ensino e à pesquisa, a fim de tornar o nosso trabalho cada vez mais exato e mais preciso. Já temos algumas estrelas guias em nossa ciência, mas existe muito ainda por conhecer. Como já passei a ser um decano da psiquiatria gaúcha e brasileira, posso me dar o direito de estimular as novas gerações a que se esforcem mais na busca de maiores e melhores conhecimentos que tornem nossos métodos de prevenção, de cura e de reabilitação cada vez mais eficientes e eficazes. Grande parte da humanidade está aí esperando por nós e querendo que sejamos cada vez mais exatos e precisos, tanto como cientistas quanto como humanistas.

Reitero que eu não pensava que teria tanta satisfação em reviver coisas tão importantes para registrar nomes no rodapé de uma foto.

Deixo de citar, por não caber nessa apresentação, o envolvimento de pessoas que estão na foto e de outras com elas relacionadas que se envolveram com o tratamento da sífilis

do sistema nervoso, que não respondia a tratamentos com arsênico e bismuto, introduzindo a malarioterapia de Wagner von Jaureg; com o uso diagnóstico das lesões cerebrais através da neurorradiologia, da neurofisiologia e da neurocirurgia; com a avaliação dos resultados do tratamento pelos *electroshocks*; com as primeiras descrições de intoxicações por maconha<sup>2</sup> e de considerações sobre a psicocirurgia; bem como os primeiros ensaios clínicos e experimentais com a penicilina<sup>3,4</sup>. Mas existem dados, e eles aqui ficaram expostos e também referidos, e existem pessoas que podem, por terem tido contato com nossos predecessores ou com familiares dos mesmos, ser capazes de resgatar mais ainda os momentos épicos da história da psiquiatria do Rio Grande do Sul, cuja riqueza a mim fez ver com respeito, orgulho, compaixão e paixão os que nos antecederam.

Agradeço aos Editores da Revista por terem me envolvido com tão intenso trabalho, que se tornou logo um grande prazer, motivo pelo qual eu mais devo agradecer a vocês do que vocês a mim.

Aproveito ainda para expressar meu reconhecimento à inestimável ajuda do Dr. Jacintho Godoy Filho, por me fornecer dados sobre seu pai e sobre a época em que ele viveu, e do Dr. Jacintho Saint-Pastous Godoy, pelo acesso aos arquivos de fotos, revistas e documentos seus e da Clínica São José.

## REFERÊNCIAS

1. Primeiro Curso de Biopsicologia Infantil. In: Jornal da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. 1994;15:12.
2. Busnello ED. Jacintho Godoy, Biografia de Patrono da Cadeira 34. Porto Alegre: Academia Sul-Riograndense de Medicina; 2000.
3. Rio Grande do Sul, Departamento Estadual de Saúde. (Redator-chefe: Faillace JM; Comissão de redação: Machado LS, Ciulla L, da Silva NN). [Vários arquivos]. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial; 1943.
4. Rio Grande do Sul, Departamento Estadual de Saúde. (Redatores-chefes: Faillace JM, Ciulla L; Comissão de redação: Machado LS, da Silva NN). [Vários arquivos]. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial; 1944.

Copyright © Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – SPRS